

DESDOBRAMENTOS DA INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA, TÉCNICA E TECNOLÓGICA

Zelinda Crislayne de Souza¹

Mônica Maria Teixeira Amorim²

Resumo: O presente artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa realizada no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), no ano de 2020, que analisou a intensificação do trabalho docente e sua relação com os processos de adoecimento desses servidores, destacando neste trabalho, dados específicos do contexto do Ensino Remoto Emergencial (ERE). A investigação utilizou-se do estudo bibliográfico, documental e da pesquisa empírica, com os professores efetivos do IFNMG, tendo o questionário eletrônico como técnica de coleta de dados e a análise de conteúdo para a interpretação e apresentação destes. O estudo evidenciou que a intensificação do trabalho docente no IFNMG é presente e que se materializa em virtude de três fatores: a organização pedagógica verticalizada, a organização do trabalho dos professores EBTTs e a gestão por resultados. Devido a essa sobrecarga de trabalho, foi possível identificar um quadro de adoecimento entre os professores pesquisados, sendo tanto a intensificação do trabalho quanto o adoecimento, mais evidenciado no contexto do ERE.

Palavras-Chave: Intensificação do trabalho. Adoecimento docente. Ensino remoto emergencial.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa de mestrado concluída no ano de 2021, que analisou a intensificação do trabalho docente e sua relação com os processos de adoecimento desses servidores, sendo ressaltado neste trabalho aspectos específicos do contexto do Ensino Remoto Emergencial (ERE).

¹ Mestre em Educação (Unimontes). Tecnóloga em Gestão de Pessoas (IFNMG0). E-mail: zelinda.souza@ifnmg.edu.br. ID Lattes: 5193451366364178.

² Doutora em Educação (UFMG). Professora (Unimontes). E-mail: monicamorimsa@hotmail.com. ID Lattes: 7504073225354746.

A intensificação do trabalho, enquanto categoria, foi analisada partindo da compreensão de Mészáros (2011), que trata esta como um processo histórico ligado à organização produtiva e ao metabolismo do capital e da conceituação de Dal Rosso (2008). Para discutir o adoecimento no trabalho, considerou-se os estudos da psicodinâmica do trabalho de Dejours (2015).

Além dessa introdução, o trabalho é dividido em quatro partes, nas quais serão apresentadas a seguir.

2. METODOLOGIA

De abordagem qualitativa, a investigação utilizou-se do estudo bibliográfico, documental e da pesquisa empírica com os professores efetivos do IFNMG, tendo o questionário eletrônico como técnica de coleta de dados e para a interpretação e apresentação dos dados, a análise de conteúdo de Bardin (1977). O período de coleta concentrou-se no mês de novembro do ano de 2020. Dos dos 646 professores efetivos no IFNMG na data da pesquisa, obteve-se o retorno de 223 respostas, representando um percentual de 34,52% do universo de análise, o que conferiu um grau de confiabilidade próxima a 95%, e uma margem de erro de 5%. O conjunto de dados foi organizado em categorias temáticas, a citar: perfil dos respondentes, intensificação do trabalho docente e adoecimento docente.

Com o objetivo de resguardar a identidade dos investigados, a apresentação das respostas dos professores será trazida para o corpo do texto por meio da utilização de codinomes, os quais, em homenagem a área de abrangência da instituição pesquisada, foram escolhidos os nomes das cidades do Norte e Noroeste de Minas Gerais e das cidades dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Autores como Mészáros (2011), Harvey (2008) e Alves (2007) descrevem a crise como algo natural e inerente ao sistema capitalista. Conforme estes autores, o capitalismo é um sistema que sobrevive e se desenvolve por meio de suas próprias crises cíclicas, usufruindo-se de sua própria inconstância e de suas contradições para superar-se e manter-se dominante. Outra característica deste sistema é a sua orientação para o crescimento, que se ampara, sobretudo, na exploração da força

de trabalho humano (HARVEY, 2008). Mészáros (2011, p. 710) argumenta que, a essência da existência e funcionamento do capital é o exercício do comando sobre o trabalho “sob quaisquer que sejam suas formas realmente existentes e possíveis”. Esses modelos estão submetidos às alterações históricas e podem assumir as mais diferentes formas, desde que o poder permaneça de modo indivisível e absoluto nas mãos do capital.

Ainda, de acordo com Mészáros (2011, p. 796 - 797), por volta do final dos anos 1960, o sistema capitalista deu sinais de uma grave crise de acumulação, a crise estrutural do capital, que afetou a “totalidade de um complexo social em todas as relações com suas partes constituintes ou subcomplexos, como também a outros complexos aos quais é articulada”. Assim, para reestabelecer os patamares de acumulação anteriores à crise, um novo mecanismo de acumulação foi estruturado, o toyotismo. Antunes (2009) salienta que no modelo de organização do trabalho toyotista supõe uma intensificação da exploração do trabalho, pois à polivalência que é exigida dos trabalhadores ao operarem várias e diversificadas máquinas simultaneamente, como, também, pelo ritmo e a velocidade impostos pela cadeia produtiva. Complementando, Seligmann-Silva e Heloani (2017) abordam que a polivalência, acrescida de outras expressões de flexibilização, criaram nos trabalhadores um forte sentimento de medo, insegurança e de inutilidade. A sensação de incapacidade para o cumprimento de metas percebidas como inalcançáveis, assim como a percepção de descartabilidade fizeram com que os trabalhadores deixassem de sentir o trabalho como parte de si mesmos.

A sociedade do século XXI é descrita por Han (2017) como a sociedade do cansaço ou sociedade do desempenho. Segundo este autor, a sociedade saiu de uma sociedade essencialmente disciplinar, pautada na negatividade da proibição e coerção e adentrou na sociedade do desempenho, que tem a positividade como eixo basilar. Essa exigência imposta pela sociedade contemporânea de se extrair cada vez mais trabalho dos indivíduos é denominada por Dal Rosso (2008, p. 23) de intensificação do trabalho, que são “os processos de qualquer natureza que resultam em um maior dispêndio das capacidades físicas, cognitivas e emotivas do trabalhador com o objetivo de elevar quantitativamente ou melhorar qualitativamente os resultados”.

Alves (2001) defende que, tal como o taylorismo e o fordismo, o toyotismo

pertence ao processo geral de racionalização do trabalho e, portanto, de sua intensificação. No toyotismo a intensificação do trabalho se dá em virtude da desespecialização ou polivalência, que não significa, necessariamente, mais qualificação, mas, sim, trabalhadores com mais atribuições em suas funções. Corroborando, Antunes (2009, p. 58), por sua vez, afirma que: “similarmente ao fordismo vigente ao longo do século XX, mas seguindo um receituário diferenciado, o toyotismo reinaugura um novo patamar de intensificação do trabalho, combinando fortemente as formas relativa e absoluta da extração da mais-valia”.

No âmbito da educação profissional e tecnológica, alguns autores como Araújo (2018), Rocha e Léda (2015) e Carvalho (2014), vêem a organização verticalizada do ensino dos Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia (IFs), criados em 2008, no governo de Luiz Inácio Lula da Silva por meio da Lei nº 11.892/2008, como forma de intensificação do trabalho. Antes de levantar a discussão sobre a verticalização do ensino, vale destacar que sobre a importância da criação dos IFs. Segundo Amorim (2013), a reestruturação da Rede Federal e criação dos IFs representou um grande avanço no campo da educação profissional, tendo em vista que a expansão da oferta dessa modalidade educativa aumentou consideravelmente, ratificando o compromisso do governo Lula em destinar investimentos para essa modalidade de ensino no país.

Retomando sobre as especificidades dos IFs, a de de criação destes (Lei nº 11.892/2008), aponta algumas particularidades dessa institucionalidade. Primeiro, são instituições especialistas em educação profissional e tecnológica atuando, nos diferentes níveis e modalidades de ensino (organização pedagógica verticalizada). Segundo, são pluricurriculares e multicampi (com organização curricular abrangendo várias áreas do conhecimento e com vários campi com proposta orçamentária anual individual). Terceiro, são equiparados às Universidades Federais, sendo regulados, avaliados e supervisionados de modo similar às Universidades Federais.

Sobre a verticalização do ensino, Pacheco (2010) explica que esta consiste na atuação docente em diferentes níveis e modalidades de ensino compartilhados no mesmo espaço. Araújo (2018) aborda que, esse compartilhamento de espaços possibilita ao aluno construir um itinerário formativo do ensino médio à pós-graduação em um único lugar. Todavia, a verticalização resulta na polivalência do profissional docente, sendo esta apontada como um componente gerador de

intensificação do trabalho, na medida em que exige, entre outros fatores, um maior esforço mental, conhecimento de processos diversos, adaptabilidade da práxis docente à diversidade de turmas em que atua, maior tempo de preparação das aulas e de conteúdos. Similarmente, Carvalho (2014) apresenta que a abrangência e a diversidade de modalidades de ensino ofertadas pelos IFs tornam estas instituições singulares, com deveres e obrigações distintas de outras instituições de ensino. Dessa maneira, o exercício da função docente nos IFs se torna complexo, na medida em que se exige professores: “ecléticos, adaptáveis, plurais e, acima de tudo, profissionais vocacionados ao ato de ensinar e de aprender” (CARVALHO, 2014, p. 109).

Para atender a singularidade da organização pedagógica verticalizada dos IFs, foi necessário criar uma carreira docente específica, a carreira de professor, a de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT), instituída pela Lei nº 12.772, de 28 de dezembro de 2012 e posteriormente alterada pela Lei nº 12.863/2013 (DOMINIK, 2017). Outros instrumentos legais incidem sobre o profissional docente dos IFs, a citar a Portaria/MEC nº 17/2016³, que estabelece as diretrizes gerais para a regulamentação das atividades docentes, no âmbito da Rede Federal, assim como instrumentos de avaliações de cunho externo e interno.

Sabe-se que o ato de ensinar excede os limites da sala de aula. Conforme Oliveira (2003), os professores passaram a ser demandados a possuir o domínio de práticas e saberes, não antes exigidos a estes para o exercício de suas funções. Além da sala de aula, o trabalho docente passou a contemplar as reuniões pedagógicas, a participação na gestão da escola, o planejamento pedagógico, entre outras. Essa regulação do trabalho do professor resulta em uma nova configuração do fazer docente, sendo capaz de alterar, inclusive, sua natureza e definição. Complementando, Tardif e Lessard (2014) salientam que devido a essa multiplicidade de funções, essa natureza multifacetada do trabalho docente torna-o, inclusive, um trabalho de difícil análise e mensuração.

Antunes (2020) aponta a evidenciação da intensificação do trabalho no contexto da pandemia. No âmbito educacional, no qual ocorreu a substituição abrupta do ensino presencial pelo ensino remoto mediado pelas tecnologias digitais,

³ Ressalta-se que a Portaria/MEC nº 17/2016 foi revogada pela edição da nova Portaria/MEC nº 983/2020, no entanto, a primeira foi considerada por ser o instrumento legal vigente à época da aplicação dos questionários.

ficou ainda mais evidente, o quanto o trabalho docente se tornou ainda mais intenso e desafiador. Segundo Oliveira (2020), os professores foram levados a se reinventar com o ensino *online*. As tradicionais aulas expositivas passaram a adentrar para as telas de vídeo e nesse novo ambiente de aprendizagem, o professor precisou ir além, motivando, aguçando a curiosidade e instigando a pesquisa de seus educandos.

Paludo (2020) aponta alguns desafios para a profissão docente em tempos de pandemia, a citar: a falta de formação para o uso de mídias digitais, a falta de interação professor-aluno, a diminuição do limite entre os espaços da vida privada e os espaços da vida profissional, a sobrecarga de trabalho pelo uso de diversas plataformas digitais e o aprofundamento da demanda de trabalho extraclasse.

Diante de todo o exposto, Paschoalino (2009) descreve que as marcas do desgaste e do adoecimento causadas pela complexidade do trabalho docente têm se materializado no absenteísmo dos professores, ou seja, nos afastamentos por meio de apresentação de atestados médicos. Sabe-se que dados sobre afastamento do trabalho por motivo de doença não autorizam estabelecer associações diretas desse fenômeno com o trabalho desenvolvido pelos professores, carecendo de uma análise mais aprofundada.

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Perfil dos respondentes

O grupo de respondentes foi constituído por 140 homens e 83 mulheres. Em relação à idade, trata-se de um grupo bastante jovem com servidores entre 25 e 50 anos. Já em relação à formação acadêmica, a pesquisa apontou um número de professores com formação em bacharelado superior ao número de docentes com formação em licenciatura, representando um percentual de 53,4% de bacharéis, em detrimento a 43% de licenciados. No tocante a formação continuada a nível de pós-graduação (*strictu* ou *latu sensu*) e ainda de pós-doutorado, encontrou-se um grupo bastante capacitado. Apenas 1 respondente não possui nenhuma formação de pós-graduação. Dos demais respondentes, 9,9% possuem especialização, 58,3%

possuem mestrado, 28,3% são doutores e 3,1% possuem diploma de pós-doutorado.

4.2 Intensificação do trabalho docente

Dal Rosso (2008, p. 123) aponta 3 formas de intensificação do trabalho: 1) a polivalência, na qual representa a “capacidade de realizar diversos serviços ao mesmo tempo, o que significa, essencialmente, realizar mais trabalho dentro da mesma duração da jornada”; 2) o alongamento da jornada de trabalho no qual conduz os trabalhadores a trabalharem por mais tempo, acumulando-se mais tarefas e; 3) a gestão por resultados, quando a estes são impostos uma pressão interior ou exterior sobre o trabalhador. Ao analisar a intensificação do trabalho no contexto dos participantes da pesquisa, foi possível identificar a materialização das três formas apontadas pelo autor. A primeira forma de intensificação é concebida pela polivalência, alcançada por intermédio da organização verticalizada do ensino típica dos IFs. A segunda por meio do alongamento da jornada de trabalho, obtido pela organização do trabalho docente, que divide as atividades docentes entre: ensino, pesquisa, extensão, gestão e representação institucional, sendo a primeira possível de se desdobrar em várias outras subatividades, conforme discriminadas mais adiante, e por último a gestão por resultados, que avalia a instituição tanto como escola de educação básica, quanto universidade, pautada no tripé: ensino pesquisa e extensão.

Em relação às atividades docente relativas ao ensino, estas atividades foram subdivididas em: horas-aula; organização do ensino (planejamento das aulas, elaboração de atividades avaliativas, etc.); atividades de acompanhamento, avaliação e orientação de alunos; e outras atividades correlatas ao ensino. Segundo as respostas dos participantes, a atividade de ensino relativa à sala de aula, ou seja, as horas-aula, representa a de maior dispêndio de horas semanais, entre todas as outras subatividades. Dos 223 docentes participantes, 84 (37,67%) informaram dedicar até 15h nessa atividade; 53 (23,76%) disseram dedicar até 20h e 11 participantes (0,5%) informaram trabalhar acima de 20h semanais em atividades de ensino relativas a sala de aula.

Foi questionado aos participantes qual o tempo que eles dedicavam às atividades de pesquisa, pós-graduação e inovação tecnológica; extensão; gestão e

representação institucional e a partir da análise dos dados, verificou-se uma dedicação de tempo imensamente menor nessas demais atividades, quando comparadas às atividades de ensino. Pelos dados apontados, infere-se que, as atividades de pesquisa e extensão são bastante comprometidas à medida que a carga horária relativa a horas-aula é gradualmente elevada.

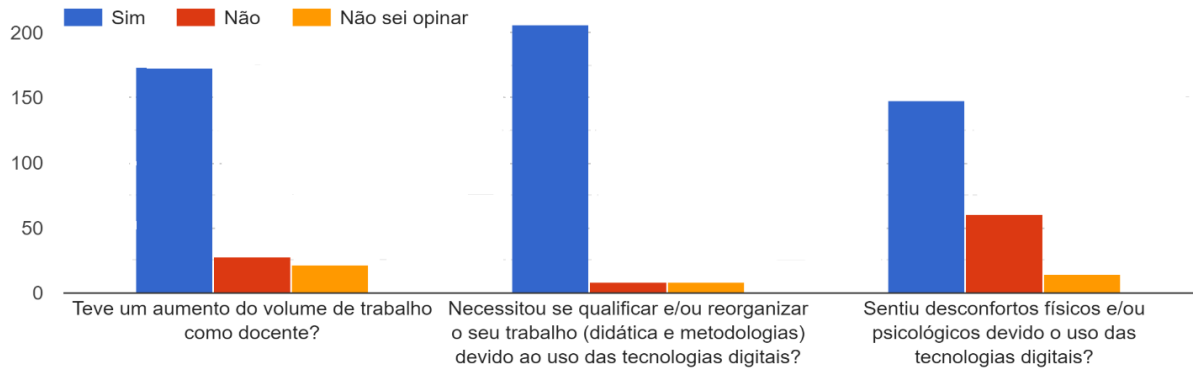
Ao analisar as respostas acerca das horas dedicadas a todas as atividades docentes, sejam elas de ensino, pesquisa, extensão, gestão e representação institucional, deparou-se com jornadas que extrapolam as determinações legais. Esse cenário representa o contexto real da intensificação do trabalho docente no âmbito do IFNMG, materializado por meio da expansão da jornada de trabalho dos professores. No entanto, essa expansão não acontece no âmbito legal, uma vez que a carga horária legalmente prevista permanece inalterada. O que se modifica é a jornada efetivamente realizada, na qual seu excedente não é contabilizado.

É possível inferir, portanto, que há uma carga intensa de trabalho, boa parte dela sem o devido registro formal, mas presente na rotina do professor EBTT e invadindo sua vida social inclusive. Essas horas de labor além da sua jornada de trabalho conduzem os docentes a processos de adoecimento, afetando também a vida social desses profissionais, uma vez que reduz o tempo livre que deveria ser destinado ao descanso e aos momentos de convívio com a família e amigos. Assim, por estarem sobrecarregados e por não conseguirem desenvolver seu trabalho da maneira que foi idealizada, o professor se desmotiva, desencanta-se e adocece. A esse labor, que extrapola a jornada legal de trabalho, Alves (2017, p. 90) denominou de “fenômeno da vida reduzida”.

De acordo com os dados da pesquisa, entre os respondentes, apenas 76 professores atuam em apenas um nível de ensino (médio/técnico ou superior). Dos demais, 147 participantes, 119 atuam em dois níveis de ensino, sendo 112 nos níveis médio/técnico e graduação e 7 no médio/técnico e pós-graduação. 11 professores informaram atuar apenas no nível superior, entretanto lecionando na graduação e pós-graduação. Já 17 professores participantes informaram atuar tanto no nível médio/técnico, quanto no ensino superior, na graduação e na pós-graduação. Os dados revelam a polivalência docente.

Percebe-se que no contexto da pandemia esse trabalho foi ainda mais intensificado. Dados da pesquisa apontam impactos da pandemia, principalmente em virtude do ERE no trabalho dos professores do IFNMG, conforme o gráfico 1.

Gráfico 1: Trabalho Docente no Contexto do ERE



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Conforme se observa no gráfico 1, o ERE no contexto da pandemia, impactou significativamente o trabalho dos professores. Dos 223 respondentes, 173 afirmaram ter aumentado o volume de trabalho. De maneira quase unânime, 206 professores responderam que necessitam se qualificar e/ou requalificar, em especial em relação às metodologias digitais de ensino. E em relação aos desconfortos físicos e/ou psicológicos devido o uso das tecnologias digitais, 148 dos 223 participantes responderam positivamente.

Ornell *et al.* (2020) descrevem que durante uma pandemia, é comum que o foco de maior preocupação seja, predominantemente, no patógeno e nas medidas de prevenção, contenção e tratamento da doença. No entanto, esses autores alertam que em tais situações, há implicações psicológicas secundárias ao fenômeno, tanto a nível individual quanto coletivo, que muitas vezes tendem a ser subestimadas e negligenciadas. Abaixo segue alguns relatos docentes.

[...] vejo a quantidade de colegas sobrecarregados com as atividades associadas à docência e o crescente aumento das mesmas, seja por falta de professores nas áreas (e pela ausência de novos códigos de vagas), seja por legislações que impõe aumento de carga horária docente, seja pela necessidade constante em participar de comissões de trabalho. Tudo isso acontece há certo tempo, mas se mostra ainda mais notável agora na pandemia. Vejo colegas adoecidos, sobrecarregados, com quadros de ansiedade e de síndrome de "burn out". (Aricanduva)

O trabalho excessivo no momento de pandemia, aumentou as horas de trabalho e reduziu o tempo de descanso e interação com a família. Isso me deixa ansioso às vezes. (Carmelita)

Conforme apontado por Ornell *et al.* (2020), o contexto pandêmico ocasiona também outros desdobramentos na vida do trabalhador. Na unidade pesquisada, a reorganização do trabalho docente e as novas condições estabelecidas para o trabalho docente no IFNMG, a exemplo, fizeram com que alguns professores desenvolvessem doenças não relacionadas especificamente ao vírus, mas das novas exigências advindas do seu trabalho: “o excesso de horas sentada em frente ao computador, ocasionou inchaço nos pés, cansaço, escurecimento das vistas e dores nos dedos das mãos e punhos” relatou Minas Novas. “Devido a grande demanda de trabalho e a quantidade de horas no computador desenvolvi epicondilite lateral bilateral da qual estou em tratamento” (Itinga). Há ainda quem, mesmo contraindo o vírus, não parou de trabalhar: “Estive com covid-19 e mesmo assim continuei trabalhando, pois a minha saída geraria uma série de contratempos para mim e para instituição” (Divisópolis).

Conforme argumenta Antunes (2020), a explosão do novo coronavírus apenas estampou a absoluta e completa desproteção que já vinha vivenciando a classe trabalhadora na atual fase do capital, uma vez que a degradação, a queda e a eliminação completa dos direitos do trabalho já eram explícitas. Dado os achados, surge a necessidade de se pensar e criar estratégias de enfrentamento não só às patologias físicas, mas também as de ordem psicológicas.

4.3 Adoecimento docente

Acerca do processo de adoecimento docente no IFNMG, considerando que este processo inicia-se, na maioria das vezes, de modo silencioso e invisível, questionou-se aos professores do IFNMG se eles procuraram atendimento médico e/ou psicológico em virtude da sua profissão nos últimos dois anos, período compreendido entre 2018 a 2020. Entre os 223 docentes participantes da pesquisa, 105 disseram que sim e 118 disseram que não. Apesar de não encontrar muita discrepância entre as respostas, o fato de deparar com o percentual maior de respostas negativas não causa estranheza, pois, conforme disserta Paschoalino (2009, p. 65), o presenteísmo, que significa “estar sempre presente ao trabalho, porém doente”, tem sido um comportamento frequente nos espaços educacionais. Nessa conjuntura, além da preocupação com dados de absenteísmo docente

relativos ao trabalho, há de se preocupar também e levantar discussão acerca do número de profissionais afetados pelo presenteísmo e como esse fenômeno também tem afetado a saúde, a qualidade de vida e os serviços desses professores.

Questionou-se os docentes se eles já haviam trabalhado doentes. Dos 223 participantes, 174 professores responderam positivamente. Também perguntou-se se já haviam trocado de horário com o(a) colega para se ausentar por problemas de saúde. Dos respondentes, 143 responderam que sim, o que faz inferir que ambas respostas justificam seus elevados índices positivos pela necessidade do professor ter que, posteriormente, realizar a reposição da aula, por esse motivo, ainda que adoecidos, permanecem presentes no trabalho. Dados da pesquisa apontaram alguns acometimentos mais frequentes nos respondentes, sendo eles: a ansiedade (1º lugar com 173 respostas), o estresse (2º lugar com 156 respostas e a irritabilidade (3º lugar com 149 respostas).

No contexto do ERE, vários foram os relatos de professores que passaram a se sentir mais cansados e sobrecarregados:

Apesar de não ter aumentado a carga horária de aula, houve uma sobrecarga para adequar as metodologias e revisar todo o planejamento já realizado para o semestre. Tal situação aumenta o cansaço devido ao maior tempo diante de tela para o preparo de aula, material didático, organização de sala virtual, tutoria dos alunos, além da aula síncrona. Consequentemente, mais ansiedade, cansaço, fadiga e dores musculares seja por tensão ou por falta de ergonomia. (Jacinto)

O trabalho excessivo no momento de pandemia, aumentou as horas de trabalho e reduziu o tempo de descanso e interação com a família. Isso me deixa ansioso às vezes. (Jequitinhonha)

Após o início das aulas remotas pude notar que minha saúde emocional tem se deteriorado, acredito que devido à divisão em módulo das disciplinas (disciplinas ministradas em um espaço de tempo muito curto). As diversas pendências e o curto tempo para solução dos problemas influenciam bastante. (Felisburgo)

Consta que durante a pandemia as minhas atividades docentes necessitam de um tempo bem maior, comparado ao presencial. Isto gera em mim, cansaço, stress e ansiedade. (Palmópolis)

Teceu-se até aqui algumas discussões acerca da materialização da intensificação do trabalho e do adoecimento docente no âmbito do IFNMG, sem, todavia, esgotá-las. Espera-se que os resultados apresentados sirvam de parâmetros para fomentar novos debates, principalmente, devido às brechas e às lacunas ainda existentes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados revelou que a intensificação do trabalho docente no IFNMG se materializa por meio dos três fatores apontados por Dal Rosso (2008): 1) a polivalência; 2) o alongamento da jornada de trabalho e; 2) a gestão por resultados. No tocante a intensificação do trabalho docente no IFNMG em virtude da polivalência, esta se dá em razão da organização verticalizada do ensino, que exige uma atuação do professor EBTT em diferentes níveis e modalidades de ensino, que trabalhe com diferentes públicos e, também, com diferentes eixos tecnológicos. A segunda forma de intensificação do trabalho, acontece em decorrência da organização do trabalho dos professores EBTTs, pois ao estabelecer um leque de atribuições aos docentes, entre atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão e representação institucional, faz com que estes passem a executar atividades para além da jornada regular de trabalho, ocasionando o alargamento da jornada desses profissionais. E por último, a gestão por resultados, sobretudo no tocante à equiparação dos IFs às Universidades Federais, que sendo regulamentadas e avaliadas similarmente, induz a autocobrança dos professores e a culpabilização interna pelos maus resultados dos discentes. Além disso, a realidade institucional é de um contingente de docentes ainda incipiente, de acordo com o modelo de dimensionamento da instituição.

No tocante ao adoecimento docente, a pesquisa apontou que a organização do trabalho dos professores do IFNMG, em alguns casos, é causadora de sofrimento, tendo em vista a identificação de um quadro de adoecimento docente entre os professores pesquisados. Afirma-se que a organização do trabalho docente do IFNMG é promotora de sofrimento, em alguns casos, porque a forma como cada professor percebe o seu trabalho é relativa e, conforme destaca Dejours (2015), prazer e sofrimento são vivências subjetivas, não sendo possível, portanto, descrever ou afirmar acerca das vivências de cada indivíduo, nem de um determinado grupo ou coletivo específico.

Em relação ao período das aulas realizadas por meio do ERE, é possível inferir que os professores, de modo geral, experimentaram momentos de grande desafio, tanto no tocante à falta de perspectivas reais acerca do contexto pandêmico vivenciado, quanto às múltiplas demandas que, cada vez mais foram sendo impostas à sua categoria profissional, o que reafirma a urgência de se pensar e

executar ações preventivas e promotoras de saúde para os profissionais docentes da instituição.

No entanto, pode-se depreender também que, a pandemia simplesmente acentuou um cenário de intensificação do trabalho e adoecimento já existentes na sociedade, e, de modo específico, no âmbito da instituição investigada. A partir dos relatos apresentados, é possível afirmar que a pandemia apenas escancarou uma conjuntura de sobrecarga de trabalho e adoecimentos docentes, os quais buscou-se desvelar neste estudo.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais, levando a direção e os demais profissionais que ali trabalham a refletirem sobre suas práticas e suas políticas, de maneira especial, as políticas de gestão de pessoas no âmbito da instituição, de modo a possibilitar a elaboração de ações promotoras de saúde e qualidade de vida dos seus servidores, e, nesse caso específico, dos servidores docentes. Também, espera-se que os resultados aqui apresentados, sejam referências para outros IFs, pois sabe-se que as vivências ora relatadas não tratam de casos isolados e específicos, mas encontram-se pulverizados em toda a Rede Federal.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **Dimensões da Globalização: o capital e suas contradições**. Londrina: Praxis, 2001.

ALVES, Giovanni. **Dimensões da Reestruturação Produtiva: ensaios de sociologia do trabalho**. 2. ed. Londrina: Praxis, 2007.

ALVES, Giovanni. A nova precariedade salarial: elementos histórico-estruturais da nova condição salarial do século XXI. *In.*: NAVARRO, Vera Lúcia; LOURENÇO, Edvânia A. Souza (Org.). **O avesso do trabalho IV Terceirização: precarização e adoecimento no mundo do trabalho**. São Paulo: Outras Expressões, 2017, p. 89 – 104.

AMORIM, Mônica Maria Teixeira. **A Organização dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia no Conjunto da Educação Profissional Brasileira**. 2013. 247 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/vie wTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=155159. Acesso em: 14 de abr. 2019.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus**: O trabalho sob fogo cruzado. São Paulo: Boitempo, 2020. E-book kindle. ISBN: 978-1719887274.

ARAÚJO, José Júlio César do Nascimento. **A precarização da formação e a intensificação do trabalho nos institutos federais**. Publicação Independente, 2018. E-book kindle. ISBN: 978-1719887274.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 1977.

BRASIL. Lei nº 11. 892, de 29 de dezembro de 2008. **Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências**. Brasília-DF, 2008a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm. Acesso em: 30 jul. 2019.

CARVALHO, Renato Magalhães de. **As condições do trabalho docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Machado**: em foco os professores de matemática e de informática. 2014. 195 f. Tese (Doutorado em Educação) da Universidade São Francisco. 2014. Disponível em: <https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/427/12628795665406646.pdf> . Acesso em: 20 jan. 2020.

DAL ROSSO, Sadi. **Mais Trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.

DEJOURS, Christophe. **Carga Psíquica do Trabalho**. In: DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da Escola Djouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 2015, p. 21-32.

DOMINIK, Érik. **A carreira docente EBTT**: aspectos específicos e legislação. Bambuí: Érik Campos Dominik, 2017. E-book. ISBN: 978-85-916269-5-3. Disponível em: <http://www.tonysoftwares.com.br/attachments/article/5270/A%20Carreira%20Docente%20EBTT.%20aspectos%20espec%C3%ADficos.%20%C3%89rik%20Dominik%20-%20Publica%C3%A7%C3%A3o%20Digitalizada.pdf>. Acesso em: 01 set. 2020.

HAN, Byug-Chul. **Sociedade do Cansaço**. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo**: histórias e implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

MÉSZÁROS, Istiván. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. As reformas educacionais e suas repercussões sobre o trabalho docente. *In*: OLIVEIRA, Dalila Andrade (Org.). **Reformas Educacionais na América Latina e os Trabalhadores Docentes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 13 - 37.

OLIVEIRA, Sérgio de Freitas. **Pedagog@s e Professor@s em tempos Pandemia**. *Pedagogia em Ação*, v. 13, n. 1, p. 37-42, 2020. Disponível em: <http://200.229.32.43/index.php/pedagogiacao/article/view/23751>. Acesso em: 20 set. 2020.

ORNELL, Felipe; SCHUCH, Jaqueline B.; SORDI, Anne O.; KESSLER, Felix Henrique Paim. **“Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies**. *Braz. J. Psychiatry*, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbp/v42n3/1516-4446-rbp-1516444620200008.pdf>. Acesso em: 29 set. 2020.

PACHECO, Eliezer Moreira. **Os Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica**. Natal : IFRN, 2010. E-book. ISBN 978-85-89571-68-5. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1013/Os%20institutos%20federais%20-%20Ebook.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 06 set. 2020.

PALUDO, Elias Festa. Os desafios da docência em tempos de pandemia. *In*: **Em Tese**, v. 17, n. 2, p. 44-53, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2020v17n2p44>. Acesso em: 30 set. 2020.

PASCHOALINO, Jussara Bueno de Queiroz. **O professor desencantado: Matrizes do trabalho docente**. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2009.

ROCHA, Luciana de Fátima Sopas; LÉDA, Denise Bessa. Reflexões sobre o Magistério Superior no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. **37ª Reunião Nacional da ANPEd**. Florianópolis, Anais, 2015. Disponível em: <https://anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt11-4109.pdf> . Acesso em: 12 set. 2020.

SANTOS, Paulo Roberto Félix dos. A intensificação da exploração da força de trabalho com a produção flexível: elementos para o debate. **O social em questão**. V. 14, n. 25-26, p. 137-156, 2011. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/8_OSQ_25_26_Santos.pdf. Acesso em: 12 out. 2020.

SELIGMANN-SILVA, Edith; HELOANI, Roberto. Precarização: impactos sociais e na saúde mental. *In*.: NAVARRO, Vera Lúcia; LOURENÇO, Edvânia A. Souza (Org.). **O avesso do trabalho IV Terceirização: precarização e adoecimento no mundo do trabalho**. São Paulo: Outras Expressões, 2017, p. 281 – 300.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Tradução de João Batista Kreuch. 9. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.